

UM CONTO DE VERGÍLIO FERREIRA

Carlos Alberto Iannone *

Em *Apenas homem*,¹ Vergílio Ferreira reuniu "coisas de várias épocas, dispersas por jornais e revistas, com raros contos inéditos, e reunidos a pedido do editor" conforme ele próprio escreveu, em agosto de 1974, num exemplar do livro, em carta-dedicatória a um amigo. Daí, o caráter heterogêneo das narrativas que compõem o livro e que são: Adeus, O encontro, O fantasma, Saturno, Apenas homem, Praia, O sexto filho, Linha quebrada, A galinha, Fado corrido, A estrela, O imaginário, A visita e Carta.

Destes, Saturno é um conto de pouco mais de duas páginas em que o narrador cria uma atmosfera notadamente de situação revolucionária, em que se manifesta uma posição política da personagem principal, simbolizada no título da narrativa. Essa personagem é vítima do "jogo de um sistema" que se desenvolve num clima de espionagem e contra-espionagem. Finge-se traidor em prol de uma causa, e como tal é sentenciado à morte. O que se desprende, portanto, como tema do conto Saturno é a condição de sacrifício do homem, enquanto tal, à "causa" do sistema ou, talvez, do partido. Por outro lado, essa "causa" é a responsável pela aniquilação da própria natureza humana do protagonista que desejava revelar-se afetivo emocionalmente ao filho, como inocente, e não consegue.

De novo se calaram. O outro lembrou:

— Acho que temos de ir. Espero que tenhas coragem.

Ao menos ao meu filho, hem? Dizer-lhe que não traí. Que tudo foi um jogo necessário.

— Impossível. Ofereceste-te para fingir de traidor. Sabias que podias morrer como traidor. No teu caso, eu pensaria apenas que a minha ação não foi inútil.²

Praticamente não há ação em termos de movimentação, visto que o conflito se processa ao nível da discussão entre o prisioneiro e Raimundo, o guarda do presídio, no interior de uma cela. Os diálogos diretos vão-se de-

- * Carlos Alberto Iannone é Professor Assistente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, São Paulo. Além da obra *Bibliografia de Fernando Pessoa* (Coimbra, Ed. Coimbra, 1969, 84 p.) publicou em *Alfa*, *Revista de História* e em periódicos de Portugal e Moçambique. Atualmente prepara uma tese sobre o romance de Fernando de Castro Soromenho.

1 Porto, Inova, 1972. 97 p.

2 *Ibid.*, p. 32.

envolvendo, portanto, num espaço fechado que preenche quase a totalidade da narrativa. No final do conto, porém, há deslocação do espaço. O prisioneiro é levado para fora da prisão a fim de ser executado. Nesse instante, a ação que poderia ser densa, dado o clima de expectativa e apreensão, se dilui por referências externas objetivas, isto é, a atitude de ódio e desprezo do filho da personagem que o considera traidor: "Escarra sempre ao lado quando falam de ti".³

O prisioneiro é uma peça do "jogo" que adquire individualidade enquanto peça. Não se revela na sua interioridade, preocupando-se com idéias que o qualifiquem no consenso geral. Há como que uma tentativa de crescimento dessa personagem relacionada com o filho, como ser individual, mas tal problemática é jogada para o campo do geral no momento em que Saturno, conscientemente, prefere que o filho tenha de si a imagem do herói negativo e não de pai:

- Mas tens certeza que meu filho me odeia?
- Escarra sempre ao lado quando falam de ti.
- Ainda bem. Mas acho que tenho o direito de sofrer. Acho que tenho. Aí outro cigarro.⁴

e, mais adiante: "— Ainda bem. Eu tinha confiança nele. Sempre tive. Sempre."⁵

O conto Saturno obedece à unidade de ação e de espaço, o mesmo se verificando com relação ao tempo. Toda a ação transcorre num espaço de tempo marcado precisamente através de um recurso externo: o acender de uma vela e o esmorecer do seu lume, no interior da cela. Este recurso parece revestir-se de certa importância, pois, além da sua função específica, possibilita ao narrador casar ambiente com a mensagem do enredo, sugerindo através do escuro e da luz da vela o desenvolvimento do destino da personagem. O escuro inicial seria a possibilidade de uma morte sua na memória dos seus; a vela acesa para o diálogo, a possibilidade tentada pela personagem de se justificar; finalmente, a vela se apaga como a vida, ante a luz de uma realidade de fora.

Finalizando, Saturno revela-se essencialmente um conto de atmosfera, em que a ação em termos de movimentação se reduz ao mínimo, impregnado em toda a linha de uma visão simbólica do ser e das coisas.

³ FERREIRA, p. 32.

⁴ Ibid., p. 33-4.

⁵ Ibid., p. 33.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FERREIRA, Vergílio. *Apenas homem*. Porto, Inova, 1972. 97 p.

Resumo

"Saturno" pertence ao livro **Apenas Homens** de Vergílio Ferreira, reunindo narrativas de caráter heterogêneo. É um conto de atmosfera em que a personagem central, o prisioneiro, passa por traidor em favor de uma "causa". Esta aniquila a sua natureza humana, pois se vê impedido de revelar-se afetivo emocionalmente ao filho. A ação é lenta e o espaço é fechado: o interior de uma cela. Ocorre deslocação do espaço, no momento em que o prisioneiro é levado ao sacrifício. Aqui, a ação que poderia ser densa se dilui por referências externas objetivas do filho. O tempo é marcado através de um recurso externo: o acender de uma vela e o esmorecer de seu lume. O conto está impregnado de uma visão simbólica do ser e das coisas.

Summary

"Saturno" belongs to the book **Apenas Homens**, by Vergílio Ferreira, a collection of several heterogeneous narratives. It is a tale of environment in which the main character, a prisoner, is considered a traitor in his defense of a "political cause". His implication in this cause leads to the destruction of his human nature, for he is unable to interact emotionally with his son. The action is slow and the space is closed: the interior of a cell. There is a displacement of space when the prisoner is sacrificed. Here, the action could be dense, but it dissolves by the external and objective references to his son. Time is marked through an external device: the lighting of a candle and the fading of its flame. The tale is impregnated with a symbolic vision of the human being and the things.